

# NADA SOBRE NÓS, SEM NÓS: O PROTAGONISMO DA PESSOA CEGA NO PROCESSO DE ELABORAÇÃO DE ROTEIROS DE AUDIODESCRIÇÃO

## *NOTHING ABOUT US, WITHOUT US: THE PROTAGONISM OF THE BLIND PERSON IN THE PROCESS OF PREPARING AUDIO-DESCRIPTION SCRIPTS*

Kerllon Lucas Gomes Silva<sup>1</sup>  
Dra. Dagmar de Mello e Silva<sup>2</sup>

### Resumo

O presente artigo é fruto de uma pesquisa realizada em parceria com o Laboratório de Audiodescrição da Universidade Federal Fluminense que vem concentrando suas ações na promoção de uma estética de audiodescrição que contemple as insatisfações do público cego e com baixa visão frente aos atuais roteiros cinematográficos de Audiodescrição (AD). A proposta procurou problematizar as tradicionais técnicas de AD vigentes no mercado, valorizando a importância da consultoria com pessoas cegas no processo de produção de tradução de imagens. Nossos resultados apontaram que a prática de uma consultoria continuada como processo de criação de ADs possibilita ao usuário, uma relação criadora de sentidos próprios com as imagens, tornando-os “espectadores emancipados” (RANCIERE, 2017) em relação às imagens. Tomamos como princípio teórico/filosófico “a tarefa do tradutor” de Walter Benjamin e como metodologia optamos pela cartografia que nos possibilitou um caráter participativo reafirmando a potência da pesquisa-intervenção em trabalhos que assumem a relevância da subjetividade humana.

**Palavras-chave:** Cinema. Audiodescrição. Consultoria. Espectador. Emancipação.

<sup>1</sup> Bacharel em Publicidade e Propaganda pela Universidade Cândido Mendes. Licenciado em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal Fluminense. Pós-Graduando em Gestão de Projetos pela Universidade de São Paulo. Mestrando e bolsista CAPES no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense. Audiodescritor roteirista, cofundador e coordenador de produção da extensão Laboratório de Audiodescrição em Obras Cinematográficas (UFF). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3509946429151039>, ORCID 0000-0002-4081-1057, e-mail: [kerlonlazzari@gmail.com](mailto:kerlonlazzari@gmail.com).

<sup>2</sup> Professora Associada da Universidade Federal Fluminense (FEUFF/UFF). Professora permanente dos Programas de Pós-graduação: Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (CMPDI) e Doutorado em Ciências, Tecnologias e Inclusão (PGCTIn). Coordenadora do Laboratório de Audiodescrição em Obras Cinematográficas (UFF). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4435613728839687>, ORCID 0000-0002-5863-3607, e-mail: [dag.mello.silva@gmail.com](mailto:dag.mello.silva@gmail.com).

## Abstract

This article is the result of a research carried out in partnership with the Audiodescription Laboratory of the Fluminense Federal University that has been concentrating its actions in the promotion of an audiodescription aesthetic that contemplates the dissatisfaction of the blind public and with low vision front to the current film scripts of AD. The proposal sought to problematize the traditional techniques of Audiodescription (AD) in the market, valuing the importance of consulting blind people, in this process. Our results pointed out that the practice of a continuous consulting as a process of creation of Ads enables the user, a creative relationship of own senses with the images, making them "emancipated viewers" (RANCIERE, 2017) in relation to the images. In the practical exercise of translations and technical observances, reference was made to the works of Larissa Costa, Iracema Viralunga, and Lívia Motta, taking as a theoretical/philosophical principle "the task of the translator" of Walter Benjamin. As a methodology, we opted for cartography that enabled us to have a participatory character, reaffirming the power of intervention research in works that assume the relevance of human subjectivity.

**Keywords:** Cinema. Audio description. Consulting. Spectator. Emancipation.

## 1 INTRODUÇÃO

É pleno século XXI e, ainda assim, uma grande parcela da população nunca teve a experiência de vivenciar as emoções que uma sala de cinema é capaz de produzir. Sala esta que não só produz entretenimento e distração, mas, também, possibilidade de reflexões, análises críticas, experiências sensoriais e experimentações coletivas. Esses argumentos, por si só, bastariam para defendermos a importância de políticas públicas de inclusão e acessibilidade que promovam o acesso irrestrito aos equipamentos de cultura que criamos ao longo de nosso processo civilizatório. Outro argumento que é irrefutável é a importância da cultura na formação do indivíduo. É através da cultura que se dá boa parte da formação humana. Tudo o que somos, os modos como pensamos e agimos, são influenciados pelo contexto de nossas vivências no mundo. Nossas práticas culturais influenciam nossa participação na sociedade, como cidadãos. Desse modo, barreiras físicas, intelectuais ou sensoriais, podem ser consideradas como cerceadoras do direito à cidadania. É direito do cidadão ter acesso à arte, a cultura e ao conhecimento para que possa conhecer e reconhecer-se na história e, assim, ter consciência de seu papel social. Deste modo, nosso interesse pela acessibilidade no audiovisual, sobretudo a audiodescrição (AD), parte de um lugar de empatia e de cidadania que pretende contribuir com a pesquisa e o desenvolvimento da Audiodescrição no Brasil.

O mecanismo de Audiodescrição é um recurso que pretende simplificar e promover este acesso, assegurando as premissas garantidas por normas e aparatos legais que asseguram o estímulo à acessibilidade e que possibilitam que pessoas com deficiência visual tenham acesso aos mais variados tipos de expressões culturais. Trata-se mais do que assistir a um filme, mas sim, de promover o direito dessas pessoas construírem suas próprias identidades, abrindo-lhes as portas para um caminho de discussão, reflexão, pertencimento e de novas possibilidades de inclusão.

No entanto, por vezes, a audiodescrição tem sido negligenciada, seja pela pressa em atender às novas demandas exigidas pela Instrução Normativa n.º 145 de 08 de outubro de 2018 da Agência Nacional do Cinema (Ancine)<sup>3</sup> ou pela falta de conhecimento e investimento em pesquisa na área das traduções de imagens. Essas “negligências” acabam resultando em roteiros que não se preocupam com a compreensão das narrativas, traduzem as imagens, deliberadamente, de forma objetiva, sem a devida revisão participativa dos consultores de AD. Com isso, cada vez menos pessoas têm desfrutado deste recurso com a devida qualidade, fazendo com que a AD esteja mais na contramão da acessibilidade do que na direção dela.

Este trabalho nasceu da necessidade de se produzir audiodescrições que fossem capazes de traduzir as imagens, de modo que pessoas cegas e/ou pessoas com baixa visão pudessem, de fato, ter uma relação própria, de criação estética com as imagens. Não apenas uma tradução literal das cenas, baseada apenas no sentido da visão de quem produz o roteiro – o que se vê é o que se descreve - mas uma tradução que estivesse para além dos sentidos ópticos. Um roteiro que dialogasse com a proposta imagética da obra e que possibilitasse aos espectadores cegos, enxergar o filme por si próprios e não mais pelos olhos dos outros. Nesse sentido, assumimos para nós os princípios da tarefa de tradutor de imagens, tal qual proposto por Walter Benjamin. Em “A Tarefa do Tradutor” (1940), Benjamin defendia que a obra literária era, também, uma obra de arte e atribuía à tradução um papel crucial na existência e continuidade dessas obras. Caminhando com esse filósofo, temos procurado conceber as imagens do cinema, também como obras de arte e atribuir à audiodescrição o papel de dar continuidade ao caráter artístico das imagens para aqueles que não veem com os olhos e precisam experimentá-las a partir do olhar do outro.

---

<sup>3</sup> Instrução Normativa que altera a redação da Instrução nº 128 de 2016 que dispõe sobre as normas gerais e critérios básicos que regulamentam a acessibilidade visual e auditiva nos segmentos de distribuição e exibição cinematográfica no Brasil.

Tomados por essa perspectiva, problematizamos as normas que norteiam a audiodescrição no Brasil, sobretudo sua consultoria, e os roteiros produzidos baseados nessas normas, e apresentamos, a partir de experimentações, consultas e entrevistas, uma nova possibilidade de roteiro de AD. Nossa finalidade foi investigar meios de promover roteiros de audiodescrição que não se reduzissem a uma forma meramente descritiva, mas que produzissem experiências estéticas em que pessoas cegas pudessem se tornar espectadores emancipados e ativos na produção de sentidos com as imagens do cinema.

Partindo dos questionamentos feitos aos roteiros de audiodescrição que não atendiam às demandas do público-alvo, ora antecipando informações ou descrevendo ações dispensáveis, ora ocultando detalhes importantes da narrativa e compreensão das cenas, nos sentimos mobilizados a buscar opções metodológicas que nos permitissem mudar os tradicionais modos de percepção do olhar daqueles que podem ver as imagens e as descrevem para aqueles cujos olhos não podem ver. Realizar um convite à imaginação através de uma tradução das imagens que possa fazer enxergar através de uma espécie de terceiro olho, que não é o olho daquele que vê, mas, o olho que procura se aproximar do olhar criador da imagem.

Tendo esse desafio como princípio, a metodologia se deu por uma perspectiva cartográfica, posto que nosso percurso transitava por um reconhecimento do público-alvo como princípio ético de alteridade, procurando entender as demandas de um outro que não somos nós. Assim, utilizamos, também, os princípios da pesquisa-intervenção, já que os pesquisadores constroem a pesquisa na medida em que se envolvem com o campo. Sob esta perspectiva o conhecimento se constrói como processo, no próprio percurso e nas relações que rompem com a dicotomia pesquisador/objeto. O caráter participativo da pesquisa cartográfica reafirma o seu sentido de pesquisa-intervenção (PASSOS; BARROS, 2009). Para nós, garantir a participação de pessoas cegas e com baixa visão na pesquisa cartográfica, significa fazer valer o protagonismo dessas pessoas através de suas inclusões no processo de produção de conhecimento. A escolha desses procedimentos metodológicos se deu como estratégia para tentar garantir o paradigma: “nada sobre nós, sem nós”.

Através dessa escolha, que consideramos ética - por legitimar e reconhecer uma alteridade que se difere de um eu absoluto -, e estética, porque optou por escutas sensíveis de narrativas como método e fenômeno de estudo, buscamos compreender a experiência do cego com as imagens em um processo de colaboração entre pesquisador e pesquisado. Além disso, o ponto de vista de uma pessoa com deficiência visual é a habilitação e legitimidade que uma

audiodescrição precisa para ser capaz de suprir as reais necessidades dos usuários. O maior dos esforços de empatia ainda seriam inúteis frente as realidades que uma pessoa cega vive. Por isso, sua relevância nos processos de produção cultural potencializam a conexão entre teoria e prática.

## 2 A PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa apoiou-se em entrevistas gravadas com consultores cegos, de modo que um roteiro de audiodescrição já existente fosse reescrito a partir de uma consultoria continuada.

Para darmos legitimidade na aplicação deste estudo escolhemos trabalhar com um roteiro de AD já existente, produzido e comercializado por uma produtora profissional, justamente para questionar seu processo de criação sem a etapa de consultoria. O filme selecionado foi o curta metragem *Castigo*<sup>4</sup> (BRASIL, 2017,13') dirigido por Lucas Maia. Parte desta escolha, se deu também, por se ter acesso ao proponente do filme, fato que se mostrou um fator relevante na composição do novo roteiro de AD.

Para as consultorias, duas pessoas foram convidadas, sendo uma delas profissional em consultoria de audiodescrição e uma não profissional, no entanto, consumidora do recurso. A escolha dessas duas classes de consultores se deu devido a um pensamento que surge entre os próprios coletivos de usuários de AD de se promover discussões, que não estejam limitadas apenas à profissionais consultores, mas que esse debate também esteja aberto a usuários desse recurso, a fim de que se fomente encontros que problematizem, formem e conscientizem esse público usuário. A fim de abreviação do texto, os consultores são identificados como W e Y, onde W é o consultor profissional e Y a usuária.

O objetivo dos encontros com esses consultores era que eles apontassem situações de “Não entendimento”, para as traduções que não foram compreendidas num primeiro momento, seguidas de dúvidas; “Entendimento parcial”, para aquelas traduções em que houve dedução das ações e não compreensão; “Entendimento absoluto”, compreensão clara do que foi traduzido. A partir desses critérios foram feitas modificações no roteiro original e posteriormente nova exibição acompanhada de novas entrevistas. Outro ponto que deveria ser

---

<sup>4</sup> Sinopse: Rose, doméstica negra, se vê obrigada a levar o filho para o trabalho. Direção: Lucas Maia. Ano: 2017. Duração: 13'. Gênero: ficção. Produtora: Caraduá. Classificação indicativa: 12 anos. Nacionalidade: Brasil. Local: Niterói, RJ.

observado pelos consultores, era a narração – sua velocidade, entonação da voz, dicção, altura – a fim de que, a cada nova versão de roteiro e narração, a AD estivesse cada vez mais próxima do ideal.

As consultorias aconteceram por meio de entrevistas com áudios gravados, sendo com o consultor W através do aplicativo *WhatsApp* e com a consultora Y presencialmente. Esta dupla consultoria, feita por vias diferentes (uma presencial e outra à distância) foi muito benéfico para o processo, uma vez que além de ambos terem distintas perspectivas do processo de consultoria, os dois também se distinguem quanto ao modo como assistiam o filme – consultor W assistia sozinho e a consultora Y assistia junto a um pesquisador (vidente), que lhe retirava dúvidas sobre as imagens em tempo real.

### 3 A ANÁLISE DA ESTRUTURA DOS ROTEIROS

A versão original do roteiro nos foi disponibilizada pela própria produtora em arquivo doc. Considerando que se tratava de um roteiro de uma obra cinematográfica, sentimos falta de algumas informações que seriam pertinentes, como duração do filme, nacionalidade, ano, nome do diretor, nome do audiodescritor, produtora, telefone, endereço, dentre outros dados que poderiam ser importantes para que o narrador se ambientasse com a obra ao qual está trabalhando.

Esta constatação se confirmou logo na primeira consultoria em que o consultor W, na sua resposta, apontou tal necessidade de se ter um cabeçalho com mais detalhes da obra audiovisual e da produtora responsável pelo trabalho. Outro ponto citado pelo mesmo consultor, foi sobre o roteiro ter sido enviado para ele formatado em tabela. Isso dificulta sua leitura através dos aplicativos que o mesmo utiliza.

Na tabela havia os textos de audiodescrição seguidos do *timecode*<sup>5</sup> que sinalizava o início e o fim da inserção da locução. Cabe ressaltar que todos os valores correspondentes ao tempo no *timecode* de todo o roteiro estavam equivocados. A leitura do *timecode* se dá a partir de 8 dígitos, como no exemplo: 01:40:34:03, que se lê: 01 hora, 40 minutos, 34 segundos e 03 quadros. No roteiro analisado o que deveria corresponder aos segundos foram colocados no campo dos quadros, ou seja, comprometendo todo o trabalho. O roteiro foi

---

<sup>5</sup> *Timecode* é um código de oito dígitos que permite a localização precisa de pontos de áudio e vídeo durante a edição.

encaminhado para os consultores exatamente como nós o recebemos, com erros no timecode e diversos outros erros ortográficos.

### 3.1 Análise do roteiro (versão original)

Nesta primeira etapa de consultoria apresentamos, para os consultores, o filme com a versão de roteiro de audiodescrição original, produzida pela produtora profissional e feita sem a consultoria. A primeira consultoria aconteceu presencialmente, com a consultora Y. Como esta consultora não era profissional, ficou a seu critério como ela gostaria que fosse mediada a consultoria. A mesma, portanto, decidiu que, no primeiro momento, preferiria assistir a todo filme na íntegra e posteriormente, reassisti-lo aos poucos, pausando de acordo com suas objeções e dúvidas. O consultor W, como já é profissional, preferiu seguir o método de consultoria ao qual já está habituado. Para este, o filme com audiodescrição foi enviado por e-mail. O consultor W fazia suas observações no próprio roteiro e nos encaminhava por e-mail. Nossas entrevistas se davam por intermédio do aplicativo *WhatsApp*.

Utilizando os três critérios de compreensão usados nesta metodologia, nessa versão original do roteiro houve 37 inserções de audiodescrição. De acordo com as narrativas de ambos os consultores pudemos levantar os seguintes dados:

**Quadro 1** – critérios de qualidade da tradução

Locuções	Nº de inserções	Nº Inserções no roteiro
Que não houve entendimento	02	01, 16.
Que houve entendimento parcial	16	02, 03, 04, 05, 08, 11, 13,17, 20, 21, 23,29, 31, 33, 36, 37.
Que houve entendimento absoluto	20	06, 07, 09, 10, 12, 14, 15, 16, 18, 19, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 32, 34, 35.

*Fonte:* resultados originais da pesquisa.

Considerando o quadro acima é possível percebermos o quanto faz falta a consultoria de uma pessoa cega em um processo de escrita de roteiro em AD. Isso fica ainda mais evidente, quando se constata que grande parte das 20 inserções em que houve entendimento absoluto, se tratou de traduções que descreviam com muita objetividade as ações dos personagens. Exemplificamos no quadro 2:


**Quadro 2** – exemplos de “entendimento absoluto”

Nº Inserção	Descrição
09	<b>00:00:02:02 / 00:00:02:04 (Voz da Márcia ao fundo)</b> Jorge vira a cabeça em direção a porta
19	<b>00:00:06:44 / 00:00:06:45</b> As mulheres olham em direção a sala.
18	<b>00:00:06:05 / 00:00:06:08</b> Márcia apoia os cotovelos na bancada da pia.
25	<b>00:00:08:49 / 00:00:08:51 (Voz da Rose ao fundo)</b> Sofia revira os olhos.

Fonte: resultados originais da pesquisa.

Apontaremos a seguir, nos quadros 3 e 4, dois casos que marcaram esta primeira consultoria, destacando duas inserções que foram tidas como entendimento incompleto.

**Quadro 3** – exemplo de “não houve entendimento”

Nº Inserção	Descrição	Fragmento do filme
01	<b>00:00:00:04 / 00:00:00:06</b> Caraduá	

Fonte: resultados originais da pesquisa.

Se tratando de um espectador vidente, a imagem acima poderia ser entendida como a referência imagética de uma marca, a logomarca de um patrocinador, financiador ou realizador do filme. Contudo, para um roteiro de AD, ler apenas “Caraduá” não é o suficiente para que o espectador cego ou com baixa visão consiga compreender que aquela palavra se refere à logomarca de alguma empresa. Nas entrevistas com os consultores, este foi um dos primeiros apontamentos. O consultor W perguntou: “*o que é isso? Informação solta*”. E a consultora Y: “*o que é Caraduá?*”. Baseado nestas objeções apontadas na inserção 01 por ambos os consultores, corrigimos o roteiro que agora descreve: logomarca da produtora Caraduá.


A segunda inserção que não foi compreendida pelos consultores, foi a cena em que a personagem Sofia dança na sala enquanto o personagem Jorge a observa segurando um boneco. Nesta parte do filme, Sofia, na verdade, dança em frente à televisão porque a mesma está jogando um videogame em que se usa um *joystick* que é capaz de capturar os movimentos do corpo humano e calcular sua pontuação no jogo. Esse momento da entrevista foi bastante interessante porque baseado apenas na descrição da AD, a consultora Y tinha compreendido que a personagem apenas imitava uma performance de cantora ou dançarina na



TV, quando na verdade a personagem jogava um jogo. Depois de ser explicado para a consultora Y que se tratava de um videogame e como ele funcionava, houve um impasse quanto a maneira em que essa descrição seria feita, pois o videogame, assim como o cinema, é um produto audiovisual que beneficia a compreensão da visão, além de muitas pessoas cegas, como a consultora Y, não terem ciência, sequer, da existência de tal aparelho com este recurso. Na fala da consultora Y, ele destaca:

*“- Eu acho que não tem como a gente dar essa informação toda. É muita coisa.... Eu vou ser sincera. Pode ser que essa desinformação seja minha. Mas eu não sei se as pessoas cegas têm essa informação, que existe um videogame que.... Eu não tive. Porque videogame não é uma realidade de uma pessoa cega... Então eu não sei se essa informação: “Ela joga dançando” ... Eu não vou entender nada. Agora eu vou entender porque você me explicou. Pode até ser que os adolescentes tenham essa informação. Eu não tenho. Vai depender também do tipo de cegueira desse usuário. Por isso, eu acho que tem que ser uma coisa bem ampla. Não dá pra ficar entrando em detalhes não.”*

**Quadro 4** - exemplo de “não houve entendimento”

Roteiro	Nº inserção	Descrição	Fragmento do filme
Versão original	16	<b>00:00:04:37 / 00:00:04:46</b> Sofia faz os mesmos movimentos que o jogo na televisão. Jorge ora olha para ela, ora olha para a tela. Ele sério observa Sofia que dança.	

Fonte: resultados originais da pesquisa.

A partir desta consultoria, corrigimos o roteiro que agora descreve: “Na sala, Sofia dança em frente à televisão. Jorge a olha manuseando o boneco”. Nesta inserção, a alteração dada pela segunda versão do roteiro, acabou sendo um ajuste na linguagem do texto, que antes trazia um contexto desnecessário para a frase, além de criar uma cacofonia com o texto: “ora olha para ele, ora olha para a tela”. Nas próprias palavras da consultora Y: “- *É ridículo esse ‘ora olha’. Texto muito redundante*”. A redução no volume de informações da descrição, nesse caso, foi considerável e sem riscos de ocultar ou desvalorizar informações pertinentes. E isso só foi possível devido a consultoria.

Ter dois consultores neste processo de consultoria fez com que este roteiro tivesse uma tripla atenção, pois se trata de três olhares distintos: o nosso enquanto videntes, o do consultor profissional e o da consultora amadora. Os apontamentos de ambos os consultores,

algumas vezes divergiam, mas o mais interessante é que, na maior parte das vezes, eles se complementavam. Pois cada um teve sua atenção voltada para um detalhe diferente em cada cena. Vemos um exemplo disso no quadro 5, que avalia a inserção 04 que tem a seguinte descrição: “O adolescente, que carrega um boneco na mão esquerda, e a mulher, entram pela porta da cozinha.”.

**Quadro 5** – exemplos de distinção dos olhares dos consultores.

<b>Consultor W</b>	<i>“Desnecessário: “que carrega”. Basta: “O adolescente com um boneco na mão esquerda”. Qual a relevância da informação de que ele carrega na mão esquerda? Ao meu ver tanto faz a mão em que ele está segurando. Não influencia na compreensão da obra. Sugiro: “de uma cozinha”, pois é a primeira vez que está sendo citada”</i>
<b>Consultora Y</b>	<i>“Esse barulho de chave é ela abrindo a porta? A AD falou depois. Eu preciso saber dessa informação junto com você. O que dá pra ver exatamente quando tem o barulho de chave? Como esse barulho inicial de chaves, nem você as vê, é preciso dizer que se vê a cozinha. Eu deduzo que é uma cozinha, mas eu não posso deduzir. Eu preciso saber dessa informação junto com você. E quem é essa mulher que entra? É a mulher negra ou a branca das sacolas que mencionou na cena anterior? A mulher e o adolescente com o boneco na mão entram. Não precisa dizer que entram na cozinha porque já haverá dito. ‘O adolescente que carrega’, parece ser outro adolescente.”</i>

Fonte: resultados originais da pesquisa.

Esse é mais um exemplo que demonstra claramente a importância da consultoria no processo de criação de roteiro de audiodescrição. Neste caso, foi muito proveitoso esta dupla orientação, pois cada consultor trouxe diferentes reflexões sobre distintos aspectos da narrativa que influenciaram diretamente na construção de um novo roteiro, e consequentemente, numa melhor compreensão da obra; nosso real objetivo.

Seguindo com as entrevistas e as colocações de ambos os consultores, foi possível levantar alguns aspectos equivocados e dúvidas que se repetiam ao longo da reestruturação da AD. Cada uma delas referente a algum princípio da tradução: descrição de ambientes, descrição dos personagens, obviedade das descrições, repetição de palavras, ocultamento de informações pertinentes à narrativa, inferências, linguagem não usual ou fora do contexto, excesso de informações, não prestigiam os ruídos e conceitos visuais.

A fim de conseguir abordar todos os apontamentos e as alterações no roteiro sem que fique enfadonho, apresentamos, a seguir, um exemplo de cada correção que os consultores tomaram nota.

**Quadro 6 - Descrição de ambientes**

Nº Inserção	Descrição	Consultor	Objeção
21	<b>00:00:07:25 / 00:00:07:29</b> Sofia passa por Márcia e ao tentar fechar a porta do quarto, a mãe a impede.	“W”	“Quarto”? Sofia não estava dançando na sala? Se mudaram de ambiente? Se sim, informar. Se Sofia já apareceu em um quarto, sugiro mudar para “ao tentar fechar a porta de um quarto...”.

Fonte: resultados originais da pesquisa.

**Quadro 7 - Descrição dos personagens**

Nº	Descrição	Consultora Y
02	<b>00:00:00:10 / 00:00:00:22</b> Em frente á grade de ferro, ao longo da fachada de um prédio, Mulher de pele negra, acompanhada por adolescente de pele também negra, sinaliza para o porteiro que se encontra no hall. O portão abre e eles entram.	“Cadê a descrição da roupa desses personagens? Eu preciso saber que roupas eles estão usando. Isso me faz entender que tipo de pessoas/personagens eles são”.

Fonte: resultados originais da pesquisa.

**Quadro 8 – Repetição de palavras**

Nº	Descrição	Consultor	Objeção
11	<b>00:00:02:36 / 00:00:02:41</b> Sofia mostra à Rose a tela de um aparelho. Rose sorri e beija-lhe a cabeça.	“W”	“Repetição do termo ‘Rose’. Poluição do texto. Sugiro: ‘A mulher beija a cabeça da adolescente’.

Fonte: resultados originais da pesquisa.

**Quadro 9 - Obviedade das descrições**

Nº	Descrição	Consultor Y
04	<b>00:00:00:39 / 00:00:00:44</b> O adolescente, que carrega um boneco na mão esquerda, e a mulher entram pela porta da cozinha	“Pode cortar o: ‘pela porta da cozinha’. Se eles entram é lógico que é pela porta”.

Fonte: resultados originais da pesquisa.

**Quadro 10 - Ocultamento de informações pertinentes à narrativa**

Nº	Descrição	Consultor	Objeção
24	<b>00:00:08:42 / 00:00:08:44</b> Rose, séria, vira-se para Sofia.	“Y”	“Ah, ela tenta abrir a porta? Então tem que falar que ela tenta abrir a porta. Não pode falar que ela força a porta ou outra coisa, porque senão a gente vai tá inferindo. Mas vale mencionar que ela tenta abrir a porta, sim.”

Fonte: resultados originais da pesquisa.

**Quadro 11 – Inferências**

Nº	Descrição	Consultor	Objeção
14	<b>00:00:03:18 / 00:00:03:28</b> Márcia olha atenta para a tela do celular enquanto entra na cozinha. Ela fecha a porta. Rose sorri e a seguir lhe entrega o pote.	“W”	“Atenta é inferência. Sugiro: fixamente”.

Fonte: resultados originais da pesquisa.

**Quadro 12 - Excesso de informações**

Nº	Descrição	Consultor	Objecção
04	<b>00:00:00:39 / 00:00:00:44</b> O adolescente, que carrega um boneco na mão esquerda, e a mulher entram pela porta da cozinha.	“W”	“Desnecessário: ‘que carrega’. Basta: ‘adolescente com um boneco na mão esquerda’. Qual a relevância da informação de que ele carrega na mão esquerda? Ao meu ver tanto faz a mão em que ele está segurando. Não influencia na compreensão da obra.”

Fonte: resultados originais da pesquisa.

**Quadro 13 - Conceitos visuais**

Nº	Descrição	Consultor	Objecção
23	<b>00:00:08:27 / 00:00:08:29</b> Sofia olha para a mãe de soslaio.	“Y”	“Eu até conheço essa palavra. Sei o que é. Mas assim, é que nem quem fala Lusco-fusco. Ambos são conceitos visuais. Infelizmente isso não tá bem feito não.”
		“W”	“O que é ‘soslaio’? Sentença sem sentido.”

Fonte: resultados originais da pesquisa.

**Quadro 14 - Linguagem não usual ou fora do contexto**

Nº	Descrição	Consultor	Objecção
05	<b>00:00:00:48 / 00:00:00:54</b> A mulher deposita a bolsa na bancada da pia e se encaminha até a geladeira de onde retira uma garrafa de água.	“W”	“Sugiro: ‘coloca’, ao invés de ‘deposita’. Fica mais próximo do nosso linguajar. O vocabulário é escolhido conforme o teor da obra. Sugiro: ‘uma bolsa’.”

Fonte: resultados originais da pesquisa.

**Quadro 15 - Não prestigiam os ruídos**

Nº	Descrição	Consultor Y
06	<b>00:00:00:57 / 00:00:00:59</b> Ela coloca água em um copo.	“O som eu já entendo. Não precisa falar.”

Fonte: resultados originais da pesquisa.

Uma das etapas mais comprometedoras da criação de uma audiodescrição, sem dúvidas é a narração. Pois é ela quem vai dar o formato e a vida a todo o trabalho de pesquisa, roteirização e consultoria produzido até então. É importante que a narração tenha uma relação estética com o produto ao qual está sendo narrado.

Durante as entrevistas com os consultores, parte das suas observações deveriam ser dadas à qualidade técnica da narração e do áudio. Sobre esse aspecto, uma das primeiras rubricas da consultora Y foi:

“- Quem são os principais personagens? A Márcia e a Rose. E aí ainda tem os adolescentes. Eu acho, que pra fazer a audiodescrição tem que ser uma voz masculina. Entendeu porquê? Pra dar essa distinção das vozes. Eu não tô dizendo que a gente vai confundir a voz da audiodescritora com as vozes do filme. Não é isso. Mas pra quem assiste pela primeira vez e sem prestar

*muita atenção, pode até se confundir. Eu sei porque já vi várias vezes; tô aqui analisando. Mas num primeiro momento corre-se esse risco. Então o ideal seria... Como já tem mulher e tem duas crianças, eu acho que seria melhor uma voz masculina.”. (CONSULTORA Y)*

Os pontos cobrados pelo consultor W foi que em vários momentos não foram respeitados os sons e ruídos do filme, tendo a narração sobreposta a esses sons:

*“- Não vou apontar todos os sons que não foram respeitados, mas é preciso atentar-se que quando um som importante é reproduzido, é preciso evitar que a audiodescrição seja narrada ao mesmo tempo para que o usuário tenha oportunidade de escutar”. (CONSULTOR W)*

Outro aspecto notado foi que a narração estava muito monocórdia, isto é, sem muita expressão. Como este estudo se fundamenta em uma pesquisa intervenção, é de muito valor essa colocação dos consultores, pois é baseada nessa mediação que a pesquisa ganha vida e continuidade. Todas essas considerações apontadas pelos consultores foram consideradas ao elaborar um novo roteiro e uma nova narração do filme que foi exibido em uma segunda etapa, acompanhada de nova entrevista detalhada a seguir.

### **3.2 Análise do roteiro (segunda versão)**

A partir das falas e apontamentos feitos pelos dois consultores no primeiro processo desta pesquisa, foi possível revisar todo o roteiro de audiodescrição e propor uma nova versão de roteiro. Palavras foram retiradas, expressões foram trocadas, frases diminuídas, sons e ruídos foram prestigiados, os espaços de silêncio melhor aproveitados, a narração ganhou um novo tom, tudo graças a uma única consultoria.

Avançando para um novo nível de envolvimento e prática dessa consultoria, devolvemos aos cuidados dos consultores as alterações realizadas, na expectativa da aprovação para do roteiro final ou de receber novos e distintos pedidos de acertos.

Nesta segunda consultoria novos acertos foram pedidos, mas também novas e positivas considerações foram feitas. Comparado ao volume de informações que precisamos mudar a partir da versão original do roteiro, esta segunda versão obteve poucas indicações para alteração. Basicamente, se tratavam de trocas de palavras, inferências e excesso de informações dentro das 55 inserções. A seguir, analisaremos cada critério:

- Troca de palavras:

A troca de palavras foi um pedido comum dos consultores nessa segunda versão do roteiro. Acreditamos que por conta de os maiores problemas do roteiro original terem sido resolvidos, sua atenção agora pode estar mais voltada para as construções nominais e verbais das frases, a fim de que garantissem, cada vez mais, clareza a este roteiro. Na tabela a seguir, conseguimos notar com mais clareza algumas dessas trocas:

**Quadro 16 – troca de palavras**

Nº	Descrição	Consultor	Objecção
05	<b>00:00:27:30 / 00:00:34:00</b> ... enquanto uma mulher de pele branca vestindo calça e blusa caminha na calçada carregando sacolas de compras.	“W”	“O verbo ‘vestir’ conota uma ação que não está ocorrendo no momento. Alterar para ‘usando’.”
07	<b>00:00:40:09 / 00:00:43:23</b> A mulher e o adolescente com o boneco na mão entram.	“W”	“Utilizar o artigo ‘indefinido’, pois é a primeira vez que o elemento ‘boneco’ é apresentado.”

Fonte: resultados originais da pesquisa.

- Inferências:

Inferência ou a operação intelectual de se afirmar que uma verdade existe, é algo que precisa sempre ser evitado em um roteiro de audiodescrição. A intenção de um roteiro dessa espécie é fazer com que o usuário perceba a informação por si próprio, e não através de induções, pistas dadas pela AD. Na versão original, várias inferências puderam ser corrigidas, mas uma, bastante sutil, só foi apontada pelo consultor W na segunda consultoria.

**Quadro 17 – Inferências**

Nº Inserção	Descrição	Consultor	Objecções
21	<b>0:03:04:32 / 00:03:07:45</b> Em frente a pia com louças sujas, Rose corta banana em rodela em um pote branco já com morangos picados.	“W”	“Desnecessário. ‘já’. Soa como inferência.”

Fonte: resultados originais da pesquisa.

- Excesso de informações:

O volume de informação em um roteiro de AD é um critério importantíssimo para uma clara e objetiva percepção do filme, além de garantir ao usuário certo conforto ao assistir um produto audiovisual. Este critério tem nos ajudado a “enxugar” o roteiro e deixá-lo cada vez

mais leve, fácil e prazeroso. Sobre isso, ambos os consultores apontam as rubricas que seguem:

**Quadro 18** - Excesso de informações

Nº	Descrição	Consultor	Objecções
53	<b>00:12:36:57 / 00:12:36:59</b> Fundo preto com letras brancas. Título do filme: Castigo.	“W”	<i>“Desnecessário: letras. Basta citar a cor do fundo, das letras e em seguida o texto propriamente dito. Desnecessário ‘título do filme’.”</i>
23	<b>00:03:19:23 / 00:03:19:55</b> Márcia entra na cozinha enquanto olha fixamente para a tela do celular. Ela fecha a porta.	“Y”	<i>“...ficou tão caracterizado pra mim que a porta foi fechada... que fez um barulho e... o som da música diminuiu. Então eu também penso que não precisa. Eu tô considerando porque agora eu tô ouvindo com os fones de ouvido, então tá tudo mais claro pra mim.”</i>

Fonte: resultados originais da pesquisa.

Vale a pena citar que a consultoria é um trabalho mútuo onde consultor e roteirista buscam, juntos, a melhor maneira de se promover esta tradução. Contudo, a consultoria tem seu limite e, muitas das vezes, esse limite é dado pelo orçamento, pelo prazo de entrega do trabalho, ou até mesmo pela decisão do próprio roteirista. A versão final, não é apenas o que o consultor preferiu, mas a soma das preferências encontradas entre o consultor e o roteirista. É comum que ambos, em determinadas ocasiões, discordem, ficando a tomada de decisão nas mãos do roteirista. Este fato aconteceu neste processo, quando nesta segunda versão do roteiro recebemos algumas rubricas de eliminação de informações dos consultores, mas decidimos não atendê-las por acreditar que eram informações pertinentes para a compreensão da obra. Podemos encontrar alguns exemplos no próprio quadro acima. Na inserção 53, na parte B do comentário do consultor W, ele diz que é desnecessário que se diga “título do filme”, quando o mesmo surge na tela. Ao nosso ver é importante, sim, que se traduza esta informação, pois títulos de filmes costumam vir antes e não no final dos títulos. Explicar que “Castigo” se trata do título do filme é dizer para o usuário que o filme terminou. Que esta palavra não é uma cartela nem um início de uma nova parte do filme, mas que é o fim, e que o que vem a seguir são os créditos. Na inserção 23, a consultora Y indica que poderia ser retirada a narração que diz que a porta foi fechada alegando que este som é claramente percebido no filme. No entanto, a consultora assistiu a este trecho com fones de ouvido, o que claramente, aumentam a percepção dos ruídos na trilha do filme. Ciente das dificuldades de exibição nas salas de cinema e, inclusive, em exibições não comerciais como festivais, mostras e cineclubes, o recurso dos fones de ouvido ainda é algo muito distante da realidade de sessões acessíveis.

Tendo isso, decidimos deixar a inserção para que, em casos de exibição com a narração direta - no mesmo canal de áudio original - os usuários pudessem ter esta informação garantida.

Atendendo as proposições apontadas pelos consultores, esta segunda versão contou com uma narração masculina, o que já trouxe uma maior aprovação dos consultores: “- *É a única voz masculina adulta. Então eu acho que fica bem caracterizado a voz de quem tá fazendo a audiodescrição*”. (Consultora Y). “*Sotaque do narrador harmoniza com os sotaques dos personagens da obra. Boa entonação. Narração clara. Qualidade sonora da narração muito boa*”. (Consultor W).

No entanto, ainda é preciso fazer algumas correções para que a terceira versão desta narração esteja ainda mais próxima das expectativas dos consultores. Um exemplo bastante significativo é a rubrica apontada pelo consultor W sobre a inserção dos créditos da equipe de acessibilidade. No roteiro original a equipe de acessibilidade era mencionada logo assim que a última fala da personagem era dada; no final o filme. Ou seja, no tempo de tela preta entre a última fala da personagem e o título do filme. Como revisores desta AD, não acreditamos que este seja o melhor momento da inserção desta informação, pois o filme ainda não acabou. O tempo de tela preta, até o momento em que o título do filme aparece, é de suma importância na construção narrativa do filme. Foi escolha do diretor esse tempo e como audiodescritores não podemos interferir nesta obra. Portanto, foi preciso um pouco mais de discussão com o consultor W para encontrarmos uma solução para este problema, visto que não haveria mais tempo para que esta informação da equipe de acessibilidade fosse inserida. A solução veio através do contato com o próprio diretor. Com a aprovação do diretor da obra, a inserção dos créditos de acessibilidade, passaram a ser publicados a exatos 07 segundos além do tempo original do curta.

### **3.3 Análise do roteiro (terceira versão)**

A partir da terceira revisão do roteiro, os apontamentos dos consultores vão sendo cada vez menores, o que afirma que as correções feitas ao longo das consultas têm tornado este roteiro de audiodescrição cada vez mais próximo de nossos objetivos. Nesta terceira versão do roteiro, os consultores confirmaram que esta última versão não precisaria mais das suas avaliações e que sentiam que sua contribuição para este exercício havia chegado ao fim. Tomamos essa resposta como uma aprovação de ambos os consultores para uma última e definitiva versão de roteiro.



Suas últimas notas abordaram detalhes para entonação e pronúncia de algumas inserções, e a retirada de informações para dar maior objetividade à tradução. Foram poucas as alterações nesta penúltima versão do roteiro que, depois de corrigidas, tivemos a satisfação de dizer que realizamos uma audiodescrição que se apoiou no principal ideal da acessibilidade: “nada sobre nós, sem nós”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo foi possível mostrar que a consultoria continuada, através de consultores cegos, garante maior significado às traduções, resultando, portanto, em roteiros que aproximam os espectadores de uma experiência estética singular. Cabe ressaltar que este estudo buscou trazer a experiência técnica para o campo da pesquisa e da experimentação. A partir desta pesquisa concluímos este trabalho certificando aos grupos de estudos e ao mercado profissional de AD a importância da consultoria no processo de criação de roteiros de audiodescrição para conteúdos cinematográficos.

A partir de uma metodologia que se fundamentou nos princípios da pesquisa-intervenção, procuramos produzir uma audiodescrição que estivesse afinada com uma estética que possibilitasse aos espectadores cegos uma relação criadora de sentidos próprios com as imagens. Essa abordagem buscou o constante diálogo com consultores cegos para que a proposição: “nada sobre nós, sem nós”, fosse respeitada como princípio ético na promoção de acessibilidade de pessoas cegas com a chamada sétima arte.

Tomando os princípios da tarefa do tradutor, tal qual proposto por Walter Benjamin, chegamos a uma alternativa estética de tradução das imagens que não se reduziu às polaridades objetivistas ou subjetivistas das atuais técnicas da audiodescrição, de modo a contemplar as insatisfações do público cego e com baixa visão frente aos atuais roteiros cinematográficos de AD.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA. **ANCINE**. Disponível em: [www.ancine.gov.br](http://www.ancine.gov.br). Acesso em 10 out. 2018.

BENJAMIN, Walter. **A Tarefa do Tradutor**. Trad. Susana Kampff Lages. Manuscrito, apêndice da tese: Walter Benjamin: Melancolia e Tradução. PUC-SP, 1996.

BRASIL. **Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.** Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Casa Civil. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L10098.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L10098.htm) Acesso em: 7 set. 2018.

BRISSAC, Nelson Peixoto. Ver o Invisível: A ética das imagens. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Ética: Coletâneas I.** São Paulo: Companhia da Letras, 1992.

CASTIGO. Direção Lucas Maia. Produção Jorge Soares. 13 min. Caraduá. Niterói, 2017.

CLANDININ, Jean; CONNELLY, Michael. **Narrative inquiry: experience and story in qualitative research.** San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.

PEIXOTO, Nelson Brissac. O olhar do estrangeiro. In: NOVAES, Adauto (Ed.). **O olhar.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 361-365.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado.** 1ª edição. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

UNESCO. **Declaração universal sobre a diversidade cultural.** Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>. Acesso em: 20 maio 2018.

VILARONGA, Iracema. Olhares cegos: a audiodescrição e a formação de pessoas com deficiência visual. In: MOTTA, Livia Maria Villela de Mello; ROMEU FILHO, Paulo (Orgs.) **Audiodescrição: transformando imagens em palavras.** São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

VILARONGA, Iracema. A dimensão formativa do cinema e a audiodescrição: um outro olhar. In: **Anais II encontro nacional de estudos da imagem.** Londrina: UEL, 2009.